

## **A técnica psicanalítica: o percurso seguido na transferência e a utilização da contratransferência.**<sup>1</sup>

Stella Maris S. Mota<sup>2</sup>

### *Resumo:*

*O processo psicanalítico se estrutura pela sua eficácia técnica, onde são relevantes os fatores transferenciais e o bom uso da contratransferência. A ética torna-se, nesse contexto, imprescindível, por ser um elemento norteador do percurso analítico, garantindo, assim, segurança para o analisante, dignidade para o analista e confiabilidade para a psicanálise.*

Uma reflexão sobre a técnica psicanalítica exige antes um breve esclarecimento sobre o conceito de ética. Enquanto entendemos a técnica como procedimento essencialmente racional para alcançarmos um fim, ética diz respeito aos meios que são utilizados para alcançarmos um objetivo, configurando normas. Considerando-se, ainda, que ética define a conduta e que o desejo rege o comportamento, ressaltamos que a ética deve nortear a técnica, sobretudo em se tratando de psicanálise, porque o trabalho analítico só se efetiva a partir e com a subjetividade do analisante. Portanto, cabe ao analista assegurar-se desde o início, de que os princípios éticos estarão apontando o percurso da técnica analítica.

No início das investigações psicanalíticas, a busca era pela eliminação dos sintomas histéricos, restringindo a psicanálise ao método catártico, através da técnica hipnótica. No entanto, após retornar da hipnose, o paciente reapresentava os mesmos sintomas. Tal fato direcionou as pesquisas de Freud para a formação desses sintomas e não apenas para a sua retirada, levando-o ao entendimento dos complexos formadores de tais sintomas, através das associações livres e das reações transferenciais.

Aqui torna-se pertinente lembrarmos que o ser humano não consegue satisfazer todas as suas pulsões, que se manifestam desde o nascimento, por influência da sua disposição inata e da sua cultura. Uma parte dessas pulsões não satisfeitas serão abrigadas no inconsciente, distanciando-se da percepção da realidade. A outra parte, que fora possível satisfazer-se no âmbito da cultura, permeia o curso do desenvolvimento psíquico e é acessada pela personalidade consciente. No entanto, as pulsões

inconscientes fomentam a conduta de transferência, através da catexia libidinal que se antecipa na atitude com o Outro. É assim que se dá a drenagem dos afetos inconscientes em direção ao Outro, o que constitui a formação da transferência. Poderíamos, então, começar a definir transferência com sendo reações emocionais que se apresentam em decorrência de situações vividas num passado, e que são endereçadas a outra pessoa no momento presente, por isso, de forma inadequada.

Devemos, agora, fazer alusão às duas vertentes da neurose de transferência: à disposição, que é inata, e ao fator desencadeante. A disposição foi por Freud, relacionada à própria constituição do analisante e designada, no dizer de Nasio (1999), como nível matricial da transferência. O aspecto desencadeante, na concepção freudiana, resultaria das frustrações impostas pela cultura no curso do desenvolvimento psicosssexual, e que Lacan vincula à significação ou ao “regime de pulsão”, mas Nasio, de uma forma mais elucidativa, chama de “véu”, para nos reportar à função encobridora da transferência.

Segue-se, então, que a seqüência das reações transferenciais gravita a energia libidinal em torno do objeto de transferência: o analista — não a pessoa deste, mas aquele que é visto como o suposto saber, o representante psíquico que se “oferta” naquele instante, atrai para si, pelo seu próprio desejo de investigação, a transferência. Aqui, devemos observar o bom uso da contratransferência, no sentido de que o analista não se encontra isento de emoções frente ao material do analisante, mas cabe-lhe ética e tecnicamente saber utilizar-se dos seus desejos de investigação para colocar-se, imparcial, no lugar do objeto de

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na II Jornada Interna do GPAL, em dezembro/2002.

<sup>2</sup> Psicóloga clínica (CESMAC), Mestre em Literatura Brasileira (UFAL), Professora de Psicologia e Sociologia (SEUNE) e membro do GPAL.

## A técnica psicanalítica: o percurso seguido na transferência e a utilização da contratransferência

transferência e poder suportar as reações transferenciais. *O objeto "analista" em torno do qual a pulsão gira é, antes de tudo, o furo coberto com o véu do falo imaginário.* Nasio (1999:65). Isso ressalta a primazia da disponibilidade do analista como "superfície de percepção" na estruturação da análise. Assim, o lugar do analista é o lugar do objeto que reflete o véu que encobre o primeiro objeto e sua respectiva frustração.

Em tradução a Lacan, Nasio (1999:72) afirma que *...o amor se dirige ao véu que cobre o objeto* porque, tendo o Eu se identificado com o objeto que lhe foi recusado na relação de transferência, só poderá se dirigir ao véu que encobre esse objeto, enquanto revela as reações e os afetos desse percurso.

Na realidade, quando esses afetos são drenados na relação com o Outro, proporcionam a recordação das imagos infantis, constituindo essencialmente as repetições dos relacionamentos objetivos da infância e, por isso, são vivenciados como sentimentos, impulsos, desejos, medos, fantasias, atitudes, idéias ou defesas; tudo isso de forma inconsciente, enquanto reatualiza a frustração da satisfação dos desejos sancionados pela cultura. É nesse propósito, o da busca incessante pela satisfação da pulsão, que surge uma das características mais marcantes da transferência: a repetição.

Sendo a transferência uma reedição de um relacionamento objetal da infância primitiva, aponta, então, para a satisfação das pulsões interditas pelas leis da cultura que permeia todo o desenvolvimento psicosexual. Pulsões não satisfeitas vão compor o cenário inconsciente, e sempre que as circunstâncias parecerem semelhantes e/ou propícias retomam em busca de satisfação. O retorno dessas pulsões endereçadas ao Outro na situação presente constitui as reações transferenciais. Essas reações revelam-se, principalmente, pelas resistências apresentadas ao trabalho psicanalítico, quando a postura do analista provoca a fantasia de interdição. No entanto, o trabalho analítico também traz a possibilidade de tornar consciente o mecanismo dessas reações transferenciais, o que faz cessarem as repetições, enquanto outro caminho é dado ao desejo de satisfação das pulsões: a sublimação, estágio conclusivo de uma análise.

Mas, é pertinente lembrarmos, ainda, das características de intensidade, ambivalência, inconstância e tenacidade, que nos asseguram tratar-se de fato das reações transferenciais.

As reações emocionais intensas e dirigidas ao analista, bem como a completa ausência de reações, o que comumente indica medo de expressar emoções por motivos neuróticos, consistem em reações transferenciais. Tanto os sentimentos de amor como os de ódio se fazem presentes na transferência, no entanto, o que de fato a define é o caráter de inadequação, uma vez que as atitudes do analista não devem justificar em si as emoções do analisante. Eis porque se torna imprescindível a postura imparcial do analista.

No entanto, além da inadequação das emoções do analisante, a intensidade e a ambivalência dessas emoções também se tornam evidentes, em análise, no processo de transferência. As emoções são vividas com exagerada intensidade no processo analítico e, não raro, o analisante experiencia somatizações ou fragilidades. A essa altura dos acontecimentos, o analisante dá um sentido a cada um dos seus sintomas e cabe ao analista decifrá-los. Decifrar os sintomas do analisante é tarefa que requer mais do que aquilo que a técnica pode nos subsidiar, exige mais uma vez o desejo do analista de fazê-lo bem. Nessa perspectiva, Nasio (1999:12) nos lembra que *...o sentido, isto é, a relação do Eu com o sintoma, se decide principalmente na relação com o primeiro gesto, com a primeira decisão de recorrer ao Outro.*

A ambivalência, ou seja, a coexistência de sentimentos opostos, bem como a inconstância com que eles se expressam, também conduzem o analisante à exacerbação das suas reações transferenciais de forma rígida e tenaz, uma vez que são oriundas das defesas inconscientes. Esses aspectos são pontos de grande importância para o analista, porque indicam o caminho deslocado das pulsões, o que favorece a interferência analítica sobre as resistências que se apresentam nas reações transferenciais.

Quando o neurótico busca, através da repetição, uma oportunidade, embora tardia, para reviver a situação de tentativa do prazer de satisfazer uma pulsão, desloca esses afetos usando as

idéias transferenciais como barreiras para impedir as possíveis associações que o levariam ao desejo interdito, consolidando, assim, as resistências. Entretanto, *o material inconsciente tem um único objetivo — descarga. Não há noção de tempo, de ordem ou de lógica e as contradições podem coexistir sem se anularem reciprocamente*. Greenson (1981:22) porque, na relação transferencial a identificação dos vestígios inconscientes cria um “lugar” que acolhe os acontecimentos psíquicos que, nesse momento, são atemporais. Esse “lugar” que se instaura pela transferência e resistência faz acontecer, revelar o que estava oculto no inconsciente, tornando-se, portanto, de grande valia nas investigações psicanalíticas. Mesmo assim, *a transferência não é, portanto, uma função do analista, mas do analisante. A função do analista é saber utilizá-la*. (Lacan, apud Quinet, 1991:30).

A idéia de que o analista obtém o saber das causas dos sintomas do analisante, a idéia do suposto saber, torna possível a sua entrada no processo analítico, porque aporta a sua confiabilidade e segurança. Desde o primeiro contato se faz necessário ter em mente as possíveis relações transferenciais do analisante, e se deve dedicar grande atenção a tudo que compõe o contato inicial. Já nas entrevistas preliminares torna-se possível perceber se a demanda inicial do analisando é o desvendamento de um sintoma, o que constitui requisito essencial para a sua aceitação em análise, uma vez que esse desejo é o que o manterá em processo analítico, apesar das resistências que surgirão naturalmente no mecanismo das reações transferenciais.

Em síntese, queremos lembrar que o relacionamento transferencial é respaldado pela primitiva relação mãe-filho, quando são as impossibilidades de satisfação plena das pulsões o que quebra a simbiose psíquica e começa a estruturar o indivíduo nas suas faltas. Nos quadros de neurose, o que se observa é que as reações transferenciais estão aportadas em três vetores: um indivíduo, um objeto do passado e um objeto presente; lembrando-nos novamente da relação de triangulação afetiva bebê-mãe-figura paterna. Todos esses aspectos estarão presentes, de alguma forma, nas reações transferenciais, razão pela qual tudo em análise deve favorecer a essas revivências emocionais.

O divã, para o analisante, é um lugar solitário, onde as suas lembranças de frustração e abandono são resgatadas enquanto provocada a sua ânsia por relações objetais. O ambiente psicanalítico deve estar voltado para o objetivo de promover as associações livres da subjetividade do analisante. Assim, a atitude de ocupar o divã e não estar de frente ao analista promove a não objetividade da relação analítica. O falar espontaneamente, também, estimula o reviver das primeiras experiências infantis.

No entanto, a título de esclarecimento, ressaltamos que o processo psicanalítico não cria as reações transferenciais, apenas estimula, desde o ambiente e a postura do analista de forma imparcial, isenta de sugestionabilidades emocionais, até a sua revivência.

Enfim, o enquadramento do trabalho cotidiano de análise, pautado no respeito, no sigilo absoluto e na ausência de julgamentos de valor, ou seja, a ética psicanalítica, reflete o compromisso do analista por si mesmo, pela psicanálise e pelo analisante.

---

### Referências bibliográficas.

Freud, S. (1996). *A dinâmica da transferência*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 12. Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1912).

Freud, S. (1996) *Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 12. Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1915).

Greenson, Ralph R. (1981) *A técnica e a prática da psicanálise*. Trad. Maria Camargo Celidonio. Rio de Janeiro: Imago.

Nasio, Juan – David. (1999) *Como trabalha um psicanalista*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Quinet, Antônio. (1981) *As 4 + 1 condições de análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.